

Manuel Teixeira Gomes, figura de referência na História Contemporânea Portuguesa e na Literatura, não teve ainda o estudo devido e o reconhecimento merecido. A sua vasta obra em múltiplos domínios justifica-o plenamente. Republicano, político, diplomata, escritor, epistológrafo, crítico literário e artístico, jornalista, bibliófilo, colecionador, comerciante são algumas das suas facetas em que se revelou exemplar.

Foi na política que se tornou conhecido e na literatura reconhecido. Antes do protagonismo político, que veio a ter após a revolução republicana, já era um escritor conceituado<sup>1</sup>.

Ora vejamos...

O cenário da sua literatura inicial foi o Algarve, ou melhor o Barlavento, que magistralmente descreveu em *Inventário de Junho e Agosto Azul*. O grotesco e o fantástico, os costumes, sempre explanados com uma superior ironia, emergiram em *Gente Singular*, uns contos impregnados “de frémio vitalista que percorre os seres e as paisagens” algarvias que descreve com “um aparelho verbal dos mais belos e sugestivos de toda a nossa literatura”<sup>2</sup>. A sua obra, na época, completou-se com *Cartas sem Moral Nenhuma*, de género epistolográfico, e com *Sabina Freire*, um texto dramático.

A República chamou-o para desígnios políticos nacionais que só terminaram em 1925. Desiludido com os republicanos, responsabilizava-os pelo ambiente propício às ditaduras que se criara no fim da I República. “Raríssimos são os pensadores e publicistas liberais, que ao chegar-lhes a rabujice própria da idade não venham ao tablado declarar que o povo precisa de freio e albarda, os quais só a religião é capaz de lhe proporcionar. E o povo responde: ámen...”<sup>3</sup>. Sentindo “que a atmosfera se ia tornando, a pouco e pouco, favorável a um regime de força”<sup>4</sup>, desabafará mais tarde: “Quando vi que não podia fazer nada, vim-me embora”<sup>5</sup>. A 17 de Dezembro, embarcou no cargueiro holandês Zeus, votando-se a um exílio voluntário, sem regresso.

O Golpe militar de 28 de Maio de 1926 e a institucionalização de uma

---

<sup>1</sup> *Inventário de Junho* (1899); *Cartas Sem Moral Nenhuma* (1903); *Agosto Azul* (1904); *Sabina Freire* (1905) e *Gente Singular* (1909).

<sup>2</sup> <http://plataforma.instituto-camoes.pt/mod/glossary/view.php>

<sup>3</sup> Cf. BN, Espólio Raul Proença – E7/986, «Carta de Manuel Teixeira Gomes a Raul Proença», Tunes, 14/04/1929.

<sup>4</sup> Cf. Suplemento da *Seara Nova*, Lisboa, 18/10/1950, p. 4.

<sup>5</sup> Cf. *Diário de Lisboa*, n.º 5819, 3/02/1939, p. 4, «Visita ao Antigo Presidente Teixeira Gomes».

ditadura cumpriram o seu vaticínio.

Sendo impossível erradicá-lo da memória dos portugueses, houve a preocupação do regime ditatorial em apresentar “um Teixeira Gomes esfumado”, onde mal se adivinhava “a sua forte personalidade de político”<sup>6</sup>. Talvez também por isso, “nos estudos de Manuel Teixeira Gomes, o literato tem feito esquecer o político”<sup>7</sup>.

A Grécia, o elemento primordial do seu classicismo, era o berço do regime que admirava: a democracia. “Eu não creio que haja na História exemplo igual ao da Grécia, que desapareceu em plena mocidade. Foi uma nação que morreu sem ter envelhecido. Virá daí a perpétua e irresistível atracção que ela exerce, através das idades? Nação adolescente, que revelou e fixou o supremo cânone de beleza plástica e intelectual, que tudo soube só pelo gosto de saber, foi a maior lição de dignidade física e espiritual que a humanidade registou”<sup>8</sup>.

Teixeira Gomes deixou publicada uma obra marcada pelo naturalismo e pelo simbolismo, que reflecte sempre a presença de um contínuo prazer ou a sua busca como a chave para a felicidade dos mortais. O seu esteticismo clássico tornou a sua obra “uma beleza raras vezes atingida na literatura portuguesa”<sup>9</sup>. Distinguiu-se como “visualista poderoso”, exprimindo a paisagem algarvia, e outras, com a mais “sábia manipulação das cores”<sup>10</sup>.

Assim, mesmo de longe, muitos dos seus textos literários são o espelho do Algarve e das figuras da época. Tinha, segundo David Mourão Ferreira, “um incomparável dom de contar”.

No início da década de 1930, o regime ainda conviveu com uma imprensa resistente, que sobrevivia, camuflada em títulos como “liberal”, “republicana” e “democrata”. A impossibilidade de criticar o regime directamente obrigava a uma espécie de contra-censura, que se podia ler permanentemente nas entrelinhas. Mesmo longe, exilado voluntariamente em

---

<sup>6</sup> Cf. Urbano Tavares Rodrigues, *A Vida romanésca de Teixeira Gomes: notas para o estudo da sua personalidade e obra*, Lisboa, Marítimo-Colonial, 1946, p. 8.

<sup>7</sup> Cf. José Tengarrinha, «Teixeira Gomes na grande encruzilhada», in *Manuel Teixeira Gomes, a vida e a obra*, Círculo Teixeira Gomes, Associação pelo Algarve, 1998, p. 25.

<sup>8</sup> Cf. Obras Completas de Manuel Teixeira Gomes, *Agosto Azul*, 4.<sup>a</sup> Edição, Bertrand Editora, p. 138.

<sup>9</sup> [http://www.infopedia.pt/\\$manuel-teixeira-gomes](http://www.infopedia.pt/$manuel-teixeira-gomes) Manuel Teixeira Gomes. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2009. [Consult. 2009-08-21].

<sup>10</sup> Cf. *Seara Nova*, n.º 741, 25/10/1941, p. 1, «Teixeira Gomes», (artigo de Rodrigues Lapa).

Bougie, Teixeira Gomes estava ciente disso. “Quando pensei em colaborar no jornal «Liberdade», tracei um plano de artigos de sentido social, (...), mas presumi logo que apesar da sua «inocência» a censura com ele implicaria. Isto me decidiu a escrever a série das «Variações sobre Velhíssimos Temas» (...) que pode ser infinita sem nunca ofender as susceptibilidades dos actuais mentores do pensamento lusitano”<sup>11</sup>.

Em meados da década de 30, o declínio das publicações oposicionistas reflectiu o aumento da repressão censória e policial, alavancada pela Guerra Civil de Espanha. A Direcção-Geral de Censura acabou por suspender o *Foz do Guadiana*, no qual Teixeira Gomes colaborava e onde pontificava outro escritor algarvio, António Vicente Campinas, também ele conhecido pela oposição política ao regime.

Teixeira Gomes também era colaborador d’*O Diabo*<sup>12</sup>, de Lisboa, sob a direcção de Ferreira de Castro, e da *Seara Nova*, onde colaborava também com o núcleo de intelectuais da esquerda republicana que aí se fazia representar. No entanto, uma maior e crescente eficácia dos serviços de Censura impediu sistematicamente a publicação de artigos contrários à ditadura. O sistema foi apertando a malha e as críticas deixaram de se ouvir. As que passavam eram veladas, vagas ou subjectivas.

Sendo os jornais mais controlados pela Censura, a literatura tornou-se o instrumento privilegiado para um debate político que não tinha outro meio de se revelar. Em 1934, a *Seara Nova* publicou o estudo literário de Castelo Branco Chaves sobre Manuel Teixeira Gomes<sup>13</sup>.

A vigilância do regime salazarista exerceu-se não só sobre as questões políticas, mas também sobre as relacionadas com a vida privada, social, cultural e moral. Além de que Teixeira Gomes simbolizava o Republicanismo e a pluralidade política, a sua vida e obra não faziam dele “um menino de coro”.

Na Constituição de 1933, na qual se fundava a ordem política e social da nação, era obrigação do Estado garantir a “defesa da família, como fonte de

---

<sup>11</sup> Cf. Reprodução de parte de «Carta de Manuel Teixeira Gomes a Carlos Bana», Bougie, 27/01/1932, in *Manuel Teixeira Gomes: Catálogo «Exposição Bibliográfica e Iconográfica comemorativa do 12º aniversário do seu nascimento»*, CMP, 1982, s. p..

<sup>12</sup> *O Diabo*, jornal que albergou os grandes nomes do neo-realismo nacional, um movimento literário associado ao PCP cujos autores se concentravam à volta das publicações *O Diabo* (Lisboa, 1934-1940), *O Sol Nascente* (Porto, 1937-1940), e a Biblioteca Cosmos (1941).

<sup>13</sup> Cf. Castelo Branco Chaves, *Manuel Teixeira Gomes*, Estudos Literários, Cadernos Seara Nova, Lisboa, 1934.

conservação e desenvolvimento da raça, como base primária da educação”<sup>14</sup>, da disciplina e harmonia social e como fundamento da ordem política e administrativa<sup>15</sup>. Contrariando o ideário republicano, o regime salazarista criou uma nova imagem da mulher, idealizada pela religião e pela moral: uma esposa carinhosa e submissa e uma mãe sacrificada e virtuosa, traduzindo o lema “a mulher para a família, a mulher para o lar”<sup>16</sup>. Deste modo, o erotismo e o sensualismo latentes nas personagens femininas da obra de Teixeira Gomes incomodavam deveras o espírito confessional da ditadura.

Teixeira Gomes não era “moralista, nem um imoralista, mas sim um amoralista”<sup>17</sup>. O deleite do espírito e o prazer dos sentidos derramados nos seus escritos, a sua expressão inédita de um erotismo plenamente assumido, enquanto adesão incondicional e deslumbrada “à arte e à mulher”<sup>18</sup>, perturbavam a obtusa moral vigente. Desprezando-a, Teixeira Gomes ansiava por nova moral, por uma sabedoria mais ampla e por uma beleza mais esplendorosa, nas quais as emoções e o prazer tinham verdadeira primazia.

“Uma das maiores virtudes do verdadeiro artista consiste na faculdade de exprimir os seus mais íntimos sentimentos sem receio da opinião pública, nem dos preceitos da moral estabelecida”<sup>19</sup>.

O escritor não escondia o seu pensamento estético, que se situava nos antípodas da imagem dos valores cristãos da família, da ordem e da moral nacionalista, nos quais as tradições clericais tinham sido recuperadas, que o regime ditatorial exaltava.

“Era o artista mais pagão” que a literatura portuguesa da época possuía, e “não só pela irredutibilidade com o Cristianismo, mas pela natureza da sua sensibilidade e pela estrutura do seu espírito”<sup>20</sup>. Revelava-se tão livre e “de temperamento essencialmente pagão”, parecendo que “dezanove séculos de cristianismo parece não terem existido”<sup>21</sup> para ele.

---

<sup>14</sup> Artigo 12º da Constituição de 1933.

<sup>15</sup> *Ibidem*.

<sup>16</sup> Citado em [http://neh.no.sapo.pt/documentos/os\\_movimentos\\_femininos\\_em\\_portugal.htm](http://neh.no.sapo.pt/documentos/os_movimentos_femininos_em_portugal.htm), *Feminismo-Os movimentos femininos em Portugal no século XX "o caso particular do MDM*.

<sup>17</sup> Cf. Castelo Branco Chaves, *Manuel Teixeira Gomes, Ob. Cit.*, p. 13.

<sup>18</sup> Cf. Urbano Tavares Rodrigues, Prefácio a *Novelas Eróticas*, 3.ª edição, Venda Nova, Bertrand, s/d, p. 8.

<sup>19</sup> Manuel Teixeira Gomes Apud Jorge Campos, *Manuel Teixeira Gomes*, Filme, Arquivo RTP, 1998.

<sup>20</sup> Cf. Castelo Branco Chaves, *Manuel Teixeira Gomes, Ob. Cit.*, p. 17.

<sup>21</sup> *Idem, Ibidem*, p. 23.

Além disso, Teixeira Gomes era um homem para quem a Liberdade não podia estar dissociada da Vida e da Arte, pelo que aos interesses estéticos atribuía a categoria de interesses vitais, tais como o Amor e o Prazer.

“Comigo sucedeu [...] vão lá saber porquê, ter congénito o sentimento da beleza do corpo humano. Deleitava-me, em pequeno, ver as outras crianças nuas, e o exame do meu próprio corpo reproduzido no espelho, depois do banho, enchia-me de admiração e embevecida surpresa”<sup>22</sup>.

A crença dogmática na Liberdade marcara indelevelmente a sua Literatura. Era “livre, não por atitude conscientemente tomada e, com luta, constantemente mantida, mas por temperamento, por condição natural”<sup>23</sup>. Definia-se claramente “ [...] eu não tenho só lábios de mel. Quando é preciso, também destilam fel”<sup>24</sup>.

A Bougie chegavam-lhe muitos livros de intelectuais portugueses, assinados com expressivas dedicatórias. António Sérgio, Maria Lamas, Vitorino Nemésio, Ferreira de Castro, Irene Lisboa, Julião Quintinha, João de Barros, Artur Portela, Joaquim Manso, António Boto, João Gaspar Simões, Albino Forjaz Sampaio e Aquilino Ribeiro figuram entre os muitos que o consideravam um verdadeiro “mestre” e “o mais artista dos escritores portugueses contemporâneos”<sup>25</sup>.

Havia também editores conhecidos por contrariarem as indicações da Censura. Foi o caso de Joaquim Agostinho Fernandes, o primeiro português que visitou Teixeira Gomes no exílio na Argélia. Apesar da proibição, a Portugália Editora fará sair sob a sua chancela todas as obras do escritor.

O que há muito se previa aconteceu em 1938. *Maria Adelaide*, publicado pela *Seara Nova*, foi alvo da Censura, integrando a lista de livros proibidos do Estado Novo. O mesmo sucederá a *Novelas Eróticas*.

Teixeira Gomes, desde Bougie, desabafou: “quanto à *Maria Adelaide*, não vale a pena falar no que se passou: deixo o caso a cargo da Posteridade (com P maiúsculo)”<sup>26</sup>.

---

<sup>22</sup> *Seara Nova*, n.º 333, pp. 323-324.

<sup>23</sup> Cf. Castelo Branco Chaves, *Manuel Teixeira Gomes, Ob. Cit.*, p. 23.

<sup>24</sup> Cf. *Diário de Lisboa*, n.º 5819, 3/02/1939, p. 6, «Visita ao Antigo Presidente Teixeira Gomes».

<sup>25</sup> Casa Manuel Teixeira Gomes, em Portimão, Biblioteca Particular de Manuel Teixeira Gomes.

<sup>26</sup> Cf. Castelo Branco Chaves, «Cartas inéditas de M. Teixeira Gomes», in *Colóquio de Letras*, Cópia digital, n.º 14, Julho de 1973, Fundação Calouste Gulbenkian, p. 47.

Norberto Lopes visitou o escritor em Bougie, onde entrevistou o ex – Presidente, então um velho patriarca em pleno Outono.

Ao seu visitante, Teixeira Gomes contou a intriga de o “Destino do Justo”, uma peça de teatro que esboçara, irrepresentável em Portugal “pela natureza do assunto”. Sabia que havia muita gente que embirrava com ele, mas recordava o que Fialho lhe dissera: “Eles não gostam de ti, mas percebe-se que te lêem”<sup>27</sup>.

Ao amigo António Patrício, Teixeira Gomes confidenciava que não sofria com o passado e achava curto o tempo para atender ao presente. “Mas, não encontrando forma verosímil de (...) antecipar [o futuro], refugio-me no presente, com resignada satisfação”<sup>28</sup>.

Aos 81 anos, Manuel Teixeira Gomes morreu praticamente cego, a 18 de Outubro de 1941, no seu quarto em Bougie. À beira do seu leito, dormia o fiel Amoukrane, o seu criado, a quem chamava «Marabu», “pronto a acudir ao menor gemido do doente”<sup>29</sup>.

Desejara ao se “despedir da vida, do alto da escada do [seu] quarto, quando desponta a aurora em manhã luminosa e tépida, sacudir sobre o mar as cinzas dos sonhos”<sup>30</sup>.

MJRD

---

<sup>27</sup> *Ibidem*.

<sup>28</sup> Cf. Joaquim Magalhães, *Esboço do Perfil literário de Teixeira Gomes*, Faro, 1960, p. 36.

<sup>29</sup> *Ibidem*, n.º 10017, 19/10/1950, p. 2, «Novo encontro com Teixeira Gomes».

<sup>30</sup> Cf. *Manuel Teixeira Gomes: Catálogo* «Exposição Bibliográfica e Iconográfica comemorativa do 12º aniversário do seu nascimento», CMP, 1982, p. 14.